

TARSO SARRAF



LIBERAL AMAZON

Amazônia: potência das

CULTURA - Seja como fonte de inspiração, seja como referência para transversalidades criativas, região exige expressões aptas a se desdobrarem frente a desafios de decolonialidades. E o reconhecimento vem da pluralidade de linguagens.

ENIZE VIDIGAL E LUCAS COSTA

A Amazônia é fonte de inspiração e referencial para linguagens artísticas várias - seja pela paisagem exuberante de floresta densa, rios caudalosos e sua biodiversidade, seja pela rica cultura popular e suas várias confluências, incluindo a gastronomia, a música, a dança, os costumes e as tradições. No entanto, ainda que a Amazônia seja centro de atenção mundial pelo contexto ambiental, o mesmo não é expresso, necessariamente, na valorização da sua arte - embora muitos nomes da literatura e das artes visuais ligados à região tenham ganhado destaque cada vez maior nos últimos anos, e imposto respeito no cenário brasileiro e mundial.

Produção cultural também encontra na riqueza e desigualdes da região as fontes de inspiração

tran



TRANSVERSALITIES

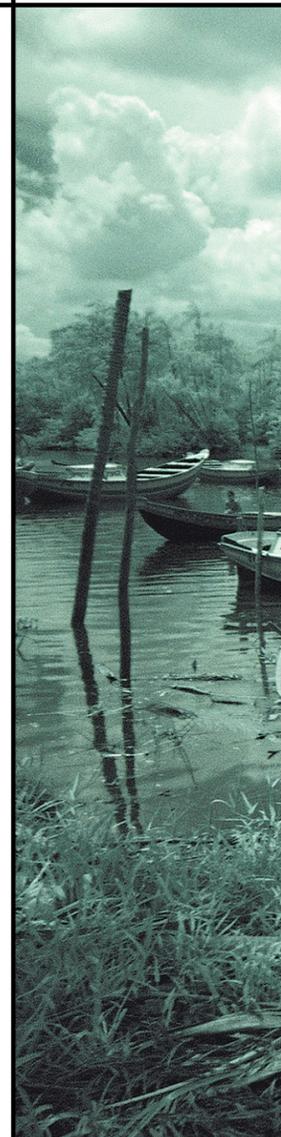
Amazon: power of visual arts and literature

CULTURE - Whether as a source of inspiration or as a reference for creative transversalities, the region requires expressions capable of unfolding in the face of decolonial challenges. And recognition comes from the plurality of languages

ENIZE VIDIGAL E LUCAS COSTA
TRANSLATED BY SILVIA BENCHIMOL AND EWERTON BRANCO

The Amazon region is a source of inspiration and a reference for a myriad of artistic languages - whether for its lush landscape of dense forest, mighty rivers and biodiversity, or for its rich popular culture and its various convergences, including gastronomy, music, dance, customs and traditions. However, despite being the focus of global attention due to its environmental context, the region is not proportionally appreciated on its art, even though several celebrities from literature and visual arts linked to the region have gained increasing prominence in recent years within Brazil and worldwide.

Cultural production also finds in the region's wealth and inequalities a source of inspiration



artes visuais e literatura



MIGUEL CHIKAOKA



RAFAEL BQEER

Sver



LUÍZ BRAGA

Lugar de fala sobre a região amazônica em outros lugares

“Historicamente, a Amazônia é um lugar diferente do Brasil. Não é à toa que, até a metade do século XVIII, nós tínhamos o estado do Brasil e o estado do Grão-Pará e do Maranhão. Isso faz parte de um projeto político de integração que de fato nunca ocorreu”, aponta o historiador e fotógrafo Michel Pinho, mestre em Comunicação, Cultura e Linguagens. “Do ponto de vista artístico, temos o reconhecimento do eixo Sul e Sudeste (do Brasil) e somos vistos quase como estrangeiros aqui na Amazônia”, pondera Pinho.

O historiador lembra que, a partir do século XIX, mudanças de cenário refletiram-se em uma maior capacidade de comunicação de autores e artistas da região sobre o que produziam. “É interessante observar pessoas que rompem essa barreira, como os autores Inglês de Sousa (1853-1918), Dalcídio Jurandir (1909-1979) e mais recentemente Edyr Augusto Proença, o fotógrafo Luiz Braga e os artistas visuais Emanuel Nassar e Luciana Magno, que, de alguma maneira, falam sobre a história da Amazônia, sobre o olhar local, mas que representam anseios e desejos que são mais globais. Isso é muito interessante porque, do ponto de vista político e artístico, garantem um lugar de fala importante sobre a região em outros lugares”.

Ainda assim, pondera o escritor e poeta Paulo Nunes, professor-pesquisador da Universidade da Amazônia (Unama) e doutor em Letras, o preconceito frente à produção literária da Amazônia, uma expressão das “diversas formas de colonialidades” exercidas sobre seu território, fez da região uma ilha. “A Amazônia é tratada de modo exótico, ou como produto de consumo dos interesses do capital nacional e internacional. Por exemplo, a literatura produzida na grande região Norte do Brasil, acredito, é menosprezada, desconhecida do leitor médio brasileiro. E se levarmos isso ao campo global, a questão fica ainda mais diluída e pulverizada”.

Nunes reflete sobre autores da Amazônia que obtiveram projeção internacional. Ele lembra que Dalcídio Jurandir teve publicação em russo na metade do século XX e “Belém do Grão-Pará”, do próprio autor marajoara, teve duas edições portuguesas. Já Benedicto Monteiro (1924-2008) é estudado na Alemanha, assim como Dalcídio. “Milton Hatoum tem livros publicados em vários idiomas e dialetos. Vicente Franz Cecim furou o bloqueio e é conhecido em Portugal. Age de Carvalho é conhecido fora dos países de língua portuguesa. Antônio Moura talvez seja nosso poeta contemporâneo mais conhecido na Europa. Max Martins teve seus textos vertidos para o inglês. O mais badalado autor paraense, creio, é Edyr Augusto Proença, muito lido em língua francesa. Mas, no geral, não nos iludamos, a literatura aqui produzida está fora do cânone ocidental (artes clássicas, sobretudo europeias) e brasileiro”.

Nomes como Benedicto Monteiro, Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum e outros já tiveram textos traduzidos para vários idiomas



Place of speech about the Amazon region elsewhere

“Historically, the Amazon distinguishes itself from the rest of the country. No wonder that, until the mid-eighteenth century, the state of Grão-Pará and Maranhão was separate from the state of Brazil. This is part of a political integration project that, in fact, never took place”, points out historian and photographer Michel Pinho, Master in Communication, Culture and Languages. “From an artistic point of view, the South and Southeast is a recognized axis (in Brazil) whereas we, up here in the Amazon, are seen almost as foreigners”, ponders Pinho.

The historian recalls that, from the 19th century onwards, changes in the scenario were translated in a greater capacity for communication and diffusion of the local production by authors and artists in the region. “It is interesting to observe that people who break this barrier, such as the authors Inglês de Sousa (1853-1918), Dalcídio Jurandir (1909-1979) and more recently Edyr Augusto Proença, the photographer Luiz Braga and visual artists Emanuel Nassar and Luciana Magno, in some way, talk about the history of the Amazon and the local perspective, however, in such a way that it represents global desires and aspirations. This is very interesting because, from a political and artistic point of view,

they ensure an important space of visibility to talk about the region elsewhere”.

Even so, Paulo Nunes, writer and poet, professor and researcher at the University of the Amazon (Unama) and PhD in Letters, ponders, the prejudice against the local literary production, an example of the “diverse forms of coloniality” exerted on the Amazon territory, turned the region into an island. “The Amazon is treated as ‘exotic’ or as a consumer product which pleases the interests of national and international capital. For example, literature produced in the wide North of Brazil, I believe, is underrated, unknown to the average Brazilian reader. And if we take this to the global scene, the issue becomes even more diluted and pulverized”.

Nunes reflects on Amazonian authors who achieved international prominence. He recalls that Dalcídio Jurandir, the marajoara author had his work published in Russian in the mid-twentieth century and “Belém do Grão-Pará”, written by the same author, had two Portuguese editions. Benedicto Monteiro (1924-2008) is studied in Germany, just as is Dalcídio. “Milton Hatoum has his work published in many languages and dialects. Vicente Franz Cecim has broken through the blockade and is known in Portugal. Age de Carvalho is known outside Portu-

guese-speaking countries. Antônio Moura is perhaps our best-known contemporary poet in Europe. Max Martins had his writings translated into English. The most famous author from Pará is probably Edyr Augusto Proença, widely read in French. But, in general, let us not be deluded, the literature produced here is outside the Brazilian and the Western-canon (classical arts, especially European ones)”.

Names such as Benedicto Monteiro, Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum and others have had texts translated into several languages

Potências criativas driblam colonialidades

O preconceito frente à produção artística da Amazônia, ressalta Paulo Nunes, é encarado como uma barreira a ser superada. Na literatura, pondera o estudioso, os autores apostam em publicações independentes, editoras alternativas, plataformas online, leis de incentivo, feiras e encontros literários. Inclusive, Paulo Nunes destaca o importante papel dos “slans” (batalhas de poesia) realizados nas periferias de cidades como Belém, que estimulam a produção e a difusão artística, especialmente entre os jovens.

Nunes lembra que, nesse embate por reconhecimento, é preciso abandonar até falsos dilemas e ideários, como o que diz que a literatura amazônica precisa necessariamente refletir a própria Amazônia para ter reconhecimento fora da região. Ele avalia que essa abordagem também é uma “forma de tradição colonial”, que “se perpetua até hoje” e que cria expectativa em relação aos autores amazônidas, até o leitor se surpreender com obras recentes, como ‘Pssica’, de Edyr Augusto, e ‘Pedral do Inferno’, de Salomão Larêdo, ou a poesia de Giselle Ribeiro e de Shaira Mana Josy. “Até ele se questionar: ‘Mas esse pessoal escreve na Amazônia? A Amazônia tem disso?’, pondera Nunes.

“Emmanuel Nassar, Dalcídio Jurandir, Luciana Magno e Edyr Augusto têm como pano de fundo uma Amazônia, mas que mostra uma realidade muito brasileira. Isso é muito importante para mostrar que essa fala é de um lugar. Nós temos um lugar na história desse país para fazer acontecer um Brasil diferente, um Brasil plural”, assevera Michel Pinho.

Para além da abordagem do tema Amazônia, ganha evidência, atualmente, a legítima representatividade dos chamados “povos originários” no mundo das artes. É o caso de Daniel Munduruku, escritor indígena, que é um dos finalistas, este ano, do Prêmio Jabuti, a maior premiação literária nacional, concedida pela Câmara Brasileira do Livro. “Ter uma representação dos povos originários da Amazônia tomando lugar de destaque é sensacional. É um modelo de produção artística inovador que veio pra ficar”, comemora Pinho.

“As vozes indígenas sempre foram abafadas (...) Daniel Munduruku e Ailton Krenak são os maiores exemplos, mas vejo com muita satisfação a literatura da Márcia Waina Kambeba. A literatura destes povos, digamos, nativos, é um grande movimento questionador do cânone ocidental, trazendo novas formas estéticas de representação, para além das colonialidades”, avalia Nunes.

Produção artística dá voz para região amazônica e fortalece representatividade

CONTEÚDO MULTIMÍDIA

Use um leitor de QR Code para acessar o conteúdo multimídia com vídeo, imagens e podcast.

MULTIMEDIA CONTENT

Use a QR Code reader to access the multimedia content with video, images, and podcast.



Creative power dodges colonialities

The prejudice against the Amazonian artistic production, emphasizes Paulo Nunes, is seen as a barrier to be overcome. The scholar remarks that in literature authors believe in efforts towards independent publications, alternative publishers, online platforms, incentive laws, fairs and literary meetings. In addition, Paulo Nunes highlights the important role of the “poetry slams” (poetry competitions) carried out on the outskirts of cities like Belém, which stimulate artistic production and art dissemination, especially among young people.

Nunes recalls that, in this struggle for recognition, it is even necessary to abandon false dilemmas and ideas, such as the one stating that Amazonian literature must necessarily reflect the Amazon itself in order to be recognized outside the region. He advocates that this approach is also a “form of colonial tradition”, which “is perpetuated until today” and creates expectations concerning Amazonian authors. This cultural stereotype is broken down when readers are

taken by surprise when they come across recent works, such as ‘Pssica’, by Edyr Augusto, and ‘Pedral do Inferno’, by Salomão Larêdo, or a poem by Giselle Ribeiro and Shaira Mana Josy. “Readers are, then, compelled to ask themselves: ‘Are these people really Amazonian writers? Is this really from here?’” says Nunes.

“Emmanuel Nassar, Dalcídio Jurandir, Luciana Magno and Edyr Augusto have the Amazon as a backdrop, but, in fact, it reveals a very Brazilian reality. This is very important to show that this speech comes from a certain place. We have a place in the history of this country and a motivation to make a different country, a plural Brazilian nation”, asserts Michel Pinho.

In addition to addressing the Amazon theme, the legitimate representation of the so-called “original peoples” in the world of arts is currently highlighted. A good example is Daniel Munduruku, an indigenous writer, who is one of the finalists for the Jabuti Prize this year, the largest national literary award, granted by the Brazil-

ian Book Chamber. “It’s definitely amazing to have a representation of the native Amazonian peoples achieving such a prominent position. It is a model of innovative artistic production that is here to stay”, celebrates Pinho.

“Indigenous voices have always been muffled (...) Daniel Munduruku and Ailton Krenak are the most prominent examples, but I am very pleased to see Márcia Waina Kambeba’s literature work. The literature native peoples produce represent a great movement that questions the Western canon, bringing new aesthetic forms of representation, beyond the colonialities”, evaluates Nunes.

Artistic production gives voice to the Amazon region and strengthens representativeness



REPRODUÇÃO



JOÃO RAMOS / ESPECIAL O LIBERAL

Parceria Institucional

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudiosos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada pelo acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multissemióticas.

Institutional Partnership

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multifactes and multissemiotics.

Invisibilizados, escritores da Amazônia querem vencer barreiras

“**E**nfrentamos dificuldades locais e também nacionais. Parece que tem uma espécie de muro entre nós, do Norte, e o Sul e Sudeste [do Brasil], onde está a grande mídia”, desabafa o escritor paraense Edyr Augusto, que foi “descoberto” pela imprensa e pelas feiras literárias da região sudeste, após conquistar o Prêmio Caméleon de melhor livro estrangeiro na França, com “Os éguas”, em 2015. Contratado por uma editora nacional, ele tem obras publicadas na França e na Inglaterra. “Eu fui rei uma bolha”, diz Edyr.

“Os franceses dizem que eu quebro o cristal de uma Amazônia hedonista, de sonhos, e mostro que temos os mesmos problemas que eles têm nas grandes cidades. Falo da maior floresta tropical do mundo, que tem uma floresta de concreto com 2 milhões de habitantes, que é Belém. Eu escrevo sobre a perplexidade desse contraste. Os meus livros têm tudo o que os outros livros têm, o que os torna diferentes é a maneira de escrever e de colocar a Amazônia”.

“É como se nós não existíssemos para o resto do Brasil, especialmente para o eixo Rio-São Paulo, ou simplesmente, nos veem de uma forma cristalizada, folclorizada”, diz a escritora paraense Monique Malcher, que emplacou o livro “Flor de Gume” entre os finalistas do Prêmio Jabuti, na categoria conto, este ano. Ela revela a felicidade de ter alcançado essa posição. “A gente é visto com um olhar de um Brasil que não conhece o Brasil”.

Nos últimos tempos, a escritora circulou por clubes de leitura, que ajudaram a divulgar o trabalho dela. Atualmente, almeja que a vitrine proporcionada pelo prêmio evidencie também outras mulheres escritoras da Amazônia. “Há 50 anos, quem vencia o Prêmio Jabuti era Olga Savary (1933-2020). Precisamos falar das que já se foram, mas continuam através da palavra, e precisamos incentivar mais mulheres amazônidas a ocuparem esses espaços”.

O professor e escritor manauara Milton Hatoum, sem dúvida, é uma referência da literatura da atualidade nacional e internacional, vencedor de vários prêmios, sem, necessariamente, escrever sobre os temas da Amazônia. Ele obteve três prêmios Jabuti na categoria romance: em 1989, venceu com “Relato de um certo Oriente”; em 2000, ficou em 3º lugar com “Dois Irmãos”; e em 2006, venceu com “Cinzas do Norte”.

Já o jornalista e escritor paraense Salomão Larêdo, mestre em Teoria Literária e vencedor de prêmios, “seduz” os leitores com temas amazônicos. Ele cresceu às margens do rio Tocantins, na floresta amazônica, na cidade de Cametá, no Pará. Em seus livros, investe no enredo usando linguagem simples do povo



DESIREE GIUSTI



“Invisible”, writers from the Amazon want to overcome barriers

“We face local and national difficulties. It seems that there is a kind of wall between us, from the North, and the people from the South and Southeast [of Brazil], where the big media is settled”, says Edyr Augusto, the writer from Pará who was “discovered” by the press and by literary fairs in the Southeast region, after winning the Caméleon Prize for best foreign book in France: “Os Éguas”, in 2015. Edyr was hired by a national company and has published works in France and England. “I pierced a bubble,” says Edyr.

“The French say that I break the crystal of a hedonistic Amazon, of dreams, and show that we have the same problems they do in big cities. I’m talking about the largest rainforest in the world, which also has a concrete made urban forest with 2 million inhabitants – Belém. I write about the perplexity of this contrast. My books have everything that other books have, what makes them differ-

ent is the way they write and portray the Amazon”.

“It is as if we did not exist to the rest of Brazil, especially to the axle Rio de Janeiro – São Paulo, or they just see us in a reduced way, as in a crystallized...stereotyped way”, says Monique Malcher, a writer from Pará state, whose book, “Flor de Gume”, was nominated as a finalist to the Jabuti Literature Award this year, within the “short story category”. She shows off her happiness for having accomplished that position. “We are seen by some Brazilians through a perspective that shows they don’t not really know Brazil”, she says.

Lately, the writer has mingled among reading clubs, which have helped her to promote her books. Now, she hopes that the window provided by the award, can also put other female writers from the Amazon in evidence. “50 years ago, the winner of Jabuti Award was Olga Savary (1933 – 2020). It’s important to also

mention those who are gone, but still remain here through their words, we must also motivate more women from the Amazon region to occupy those spaces”, she states.

The teacher and writer from Manaus state, Milton Hatoum, is no doubt a renowned reference for the current national and international literature. He has won many awards; however, he does not necessarily write exclusively about themes related to the Amazon region. He has been awarded a Jabuti prize three times in the category “romance”: in 1989, he was awarded for the book “Relato de um certo Oriente”; in 2000, he won the third prize for the book “Dois irmãos”; and in 2006, he won an award again for the book “Cinzas do Norte”.

Salomão Larêdo is another important writer and journalist from Pará, who holds a master’s degree in Literature Theory. He has won many literature awards, likewise he is known for delighting his readers with Amazonian themes. He was raised next to the Tocantins river, in the Amazon rainforest, municipality of Cametá, in Pará state. In his books, often themed about the Amazon region, he writes using ordinary language, representing the language spoken by the local people. “I write about themes related to my people, thus, those issues naturally spread to the other parts of Brazil and also to the world, reaching universal interest, as they are all about the human nature”, he explains.

Larêdo states that due to his long experience in literature, he knows it is not an easy task to be a writer in the Amazon. “Our culture is undervalued. Our literature is not familiar to many people. We have faced aesthetic, cultural and political dilemmas for such a long time, traits of Brazilian society. We shall not bow down passively to this anymore as if we did not exist as writers”, he emphasizes.

He hopes one day the writers from the Amazon will finally be recognized in the Brazilian literature scenario. Larêdo remarks nowadays, the writers “spend more than they earn for writing, editing and publishing their books”, however, “they keep on writing, because they always hope that tomorrow there will be people interested in reading what they have written, regardless this cultural and educational blackout that we still experience”.

Ivanildo Alves, a teacher and lawyer, who is also the president of Academia Paraense de Letras [Letters Academy from Pará], remarks that writers from Pará cannot make a living from that art-profession. He notes that the public policies regarding literature, even though important, are not enough. “The books about our Amazonian life, despite their great quality, are usually produced by the authors themselves. One who writes literature in the Amazon region must have a side labor activity”, he says.

da

da região. “Trato de temas da minha gente, e isso, naturalmente, se amplia para o Brasil e para o mundo, tornando-se, pelos temas abordados, assunto de interesse universal, porque cuida da natureza humana”.

Larêdo diz que a experiência de sua longa carreira literária o levou a reconhecer que não é fácil ser escritor da Amazônia. “Nossa cultura é desvalorizada. A literatura que fazemos, desconhecida. Há muito vivemos esses dilemas estéticos, culturais e políticos, traços da sociedade brasileira, e não podemos mais aceitar passivamente esse inexistir como escritores”.

Ele acredita que, um dia, os autores da Amazônia serão sujeitos da literatura brasileira. Larêdo observa que hoje esses escritores “gastam mais do que arrecadam escrevendo, editando e publicando seus livros”, mas “continuam a escrever, sempre acreditando que amanhã haverá gente interessada em ler o que produzem, apesar desse apagão educacional e cultural em que vivemos atualmente”.

O presidente da Academia Paraense de Letras (APL), professor e advogado Ivanildo Alves, confirma: os autores paraenses não conseguem viver dessa arte-profissão. E observa que os incentivos públicos à literatura, apesar de importantes, são insuficientes. “Os livros, que abordam a nossa vida amazônica, a despeito da excelente qualidade, suas edições, regra geral, são produzidas pelos próprios autores. Quem produz literatura na Amazônia, necessariamente, tem que possuir outra atividade laborativa”.

MARCOS ALVES / AGENCIA O GLOBO



Escritores amazônidas usam talento e reconhecimento literário para vencer barreiras

Amazonian writers use talent and literary recognition to overcome barriers

A floresta que pulsa nas artes visuais

Da grande floresta cortada por rios, até as paisagem urbanas ou das comunidades ribeirinhas, a Amazônia é um prato cheio para artistas visuais, seja no que diz respeito ao registro, seja no que toca a região como referência. O trabalho do fotógrafo Miguel Chikaoka é um exemplo da potência visual da Amazônia. Para além dos cenários, a vivência no território influencia o olhar dos profissionais que passam por aqui.

Da experiência que começou no fotojornalismo, no início da década de 1980, Chikaoka enveredou pelo papel educador, o que resultou na criação de uma instituição que até hoje forma novos fotógrafos paraenses: a Associação Fotoativa.

Chikaoka lembra que esse outro ponto de partida temporal da fotografia na Amazônia tem ligação ainda com um movimento nacional, a criação do Instituto Nacional de Fotografia, que promoveu um evento itinerante pelo Brasil. Além disso, também destaca iniciativas como o salão Arte Pará, que, num movimento de incluir em seu corpo de jurados nomes reconhecidos internacionalmente no ramo da curadoria de artes, fez com que a movimentação das artes visuais na Amazônia tivesse uma abrangência para além das fronteiras.

“Acho que tem uma coisa plural, de reunir pessoas de diferentes referências de formação profissional, no campo das artes e outros campos como historiadores, engenheiros, arquitetos”, pondera Chikaoka, destacando ainda o importante papel dos coletivos artísticos da Amazônia. Essa troca de experiências e práticas resulta em diversos olhares de identidade única, que passaram a abordar temas a partir das múltiplas vivências que atravessam a populações da Amazônia.

Um desses coletivos inicia uma nova fase em busca dessa linguagem, com performance, fotografia e artes plásticas no geral: é o ‘Noite Suja’, um grupo de artistas que se utiliza da “montação” drag. Rafael Bqueer, representante deste movimento, trabalha atualmente na produção de um documentário sobre a história do grupo, desenvolvido com o prêmio de um edital do Instituto Moreira Salles.

Representante também da nova leva de artistas que mostra ao mundo a cara da arte contemporânea amazônica, Rafael tem trabalhos atualmente no Arte Pará 2021 e traz no currículo exposições nacionais e internacionais, como a coletiva “Against, Again: Art Under Attack in Brazil”, na Anya & Andrew Shiva Gallery, em Nova York (2020); além da individual “UóHol”, no Museu de Arte do Rio (2020).

Com formação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Rafael defende a importância de demarcar esse território em seu trabalho. “A UFPA tem professores engajados em causas sociais e políticas que nos fazem perceber o território amazônico para além das perspectivas coloniais”, diz, destacando o papel da professora Zélia Amador de Deus em seu processo de entendimento como pessoa preta da Amazônia.

Atualmente, Rafael reside em São Paulo. “A circulação institucional no Sudeste tem cada vez mais me apresentado onde me encontro, de fato, como pessoa de identidade amazônica. Não só na perspectiva racial, mas no outro eixo que trabalho muito na minha pesquisa, que são as questões de gênero e sexualidade”.



MÁRCIO NAGANO / O LIBERAL

des

Pelas janelas do cinema

Além da fotografia e de outras frentes nas artes visuais, a Amazônia também se expressa no cinema. “Iracema - Uma Transamazônica”, filme de Jorge Bodanzky, de 1975, mostrou ao mundo uma espécie de autorretrato da população da rodovia Transamazônica - a estrada de 5,6 mil quilômetros que corta a floresta e completará 50 anos em 2022. Atualmente, Bodanzky é homenageado com uma exposição em Belém, na Galeria Ruy Meira, na Casa das Artes.

“Bodanzky: notas de um Brasil profundo” usa o olhar do cineasta para revelar que pouca coisa mudou ao longo das últimas décadas na região. Premiado internacionalmente, Bodanzky avalia a importância de os brasileiros conhecerem a Amazônia. “É diferente”, diz sobre a forma como o país conhece a Amazônia hoje em relação ao período em que “Iracema - Uma Transamazônica” foi lançado. “Naquela época se conhecia muito pouco, praticamente não se viajava para o interior do Brasil, hoje se viaja, mas para resorts turísticos. Então, isso também não traz conhecimento”, assevera.

Na fotografia e no cinema, produção retrata realidade de desigualdades da Amazônia

In photography and in cinema, the production portrays the reality of inequality in the Amazon

Through the windows of the cinema

Besides the photography and other visual arts productions, The Amazon also is expressed in the cinematographic art. “Iracema - Uma Transamazônica”, a film by Jorge Bodanzky, in 1975, offered to the world a kind of self-portrait of the population that lives next to the Transamazônica highway - a 5,6-thousand-kilometer road which crosses the forest. The road is turning 50 years old in 2022. Currently, Bodanzky is being honored with an exhibition in Belém, at the Ruy Meira Gallery, in the Casa das Artes Museum [House of Arts].

“Bodanzky: notas de um Brasil profundo” [Bodanzky: notes of a deep Brazil] portrays the filmmaker’s view, revealing that no significant changes have occurred during the last decades in this region. Internationally awarded, Bodanzky evaluates how important it is for Brazilians to get to know the Amazon. “It is something different”, he says, referring to how the country views the Amazon nowadays, compared to the period when “Iracema - Uma Transamazônica” was premiered. “At the time, not much was known. Actually, people did not use to travel to the countryside of Brazil. Now they do! But only to touristic spot resorts. Thus, it does not aggregate knowledge”, he affirms.

The forest that pulsates in the visual arts

From the great forest crossed by rivers, to the urban sightseeing or riverine populations, the Amazon region is a handful to the visual artists, both in terms of registering reality and also in having the region as a reference. The photographer Miguel Chikaoka’s work is a good example of such visual potential in the Amazon. Besides the scenarios, the experience of living in the region influences the view of professionals who pass by.

As a result of the experience that begun in photojournalism, in the early 1980s decade, Chikaoka has become an educator and opened an institute that until today is responsible for providing professional training to new photographers in the state, named Associação Fotoativa [Fotoativa Association].

Chikaoka emphasizes that this landmark in the Amazonian photography trajectory is linked to a national movement - the creation of Instituto Nacional de Fotografia [National Institute of Photography], which promoted a traveling art event around Brazil. Moreover, he also highlights other actions, such as the creation of “Salão Arte Pará” exhibition, which included internationally renowned names in art curatorship in its jury committee. Those actions helped the visual arts movement in the Amazon to reach up beyond the borders of the region.

“I think there is a plural issue aimed at gathering people together from different professional backgrounds, in arts as well as in other professional fields, such as historians, engineers, architects”, ponders Chikaoka. This initiative evidences the important role of the artist collectives in the Amazon. The exchange of experiences and practices result in diverse perspectives of a unique identity, that have started to bring together inspirations from multiple experiences permeating the peoples from the Amazon”, he says.

“Noite Suja” [Dirty Night], a group of artists that uses Drag Queen “doing” is one of those collaborative groups that have started a new stage, searching for that language matching performance, photography and visual arts in general. Rafael Bqueer, a representative of that movement, is currently involved in the production of a documentary about the history of the group. The project is being developed sponsored by a grant provided by Instituto Moreira Salles [Moreira Salles Institute].

Also representing the new groups of artists that show the image of the Amazon contemporaneous art to the world, Rafael has worked recently for Arte Pará 2021 exhibition. He has held national and international exhibitions, such as the collaborative work entitled “Against, Again: Art Under Attack in Brazil”, at Anya & Andrew Shiva Gallery, in New York city, in 2020, and the individual work entitled “UóHol”, at the Museu de Arte do Rio [Art Museum from Rio de Janeiro], in 2020.

Graduated from the Universidade Federal do Pará (UFPA) [Federal University of Pará], Rafael states the importance of marking this territory with his work. “UFPA has professors engaged in social actions and policies that help us to figure out how the Amazon region can go beyond the colonial perspectives”, he says, highlighting the importance of professor Zélia Amador de Deus during his process of understanding himself as an Amazonian black person.

Currently, Rafael lives in São Paulo. “The institutional circulation throughout the Southeast has progressively helped me understand where belong to, in fact, as a person with an Amazonian identity. Not only concerning the racial issue, but also with reference to other aspects I research a lot about - issues related to gender and sexuality”, he explains.